

# ***Gêneros Literários e Introdução aos Estilos de Época***

**E U**  
**P A S-**  
**S O**

**T U**  
**P A S-**  
**S A S**

**E L E**  
**R A-**  
**L A**

## ***Gêneros Literários e Introdução aos Estilos de Época***

### **GÊNEROS LITERÁRIOS**

Os gêneros literários classificam ou agrupam os textos em categorias, conforme suas qualidades formais. O termo gênero significa família, e agrupa textos dotados de características comuns. As primeiras classificações ocorreram na Grécia Antiga, por Aristóteles e Platão, em três grupos: Narrativo, Lírico e Dramático.

#### **Gênero Narrativo**

No gênero narrativo, existem alguns estilos de escrita, cada um com uma característica própria, que são: o romance, a fábula, a epopeia ou o épico, o conto, a crônica, a novela e o ensaio.

As fábulas são textos muito ricos e seus autores utilizam uma imensa capacidade criativa, visto que, nessa modalidade de sentido figurado, os animais têm características de seres humanos como a fala, capacidade de pensar etc. Na produção de textos para fábulas pode-se usar sátiras, críticas e sempre no final existe uma lição de moral. Geralmente, são histórias infantis.

#### **EXEMPLO DE FÁBULA:**

##### **A Raposa e a Cegonha**

Um dia a raposa foi visitar a cegonha e convidou-a para jantar.

Na noite seguinte, a cegonha chegou à casa da raposa.

- Que bem que cheira! – disse a cegonha ao ver a raposa a fazer o jantar.

- Vem, anda comer. – disse a raposa, olhando o comprido bico da cegonha e rindo-se para si mesma.

A raposa, que tinha feito uma saborosa sopa, serviu-a em dois pratos rasos e começou a lamber a sua. Mas a cegonha não conseguiu comer: o bico era demasiado comprido e estreito e o prato demasiado plano. Era, porém, demasiado educada para se queixar e voltou para casa cheinha de fome.

Claro que a raposa achou montes de piada à situação!

A cegonha pensou, voltou a pensar e achou que a raposa merecia uma lição. E convidou-a também para jantar. Fez uma apetitosa e bem cheirosa sopa, tal como a raposa tinha

feito. Porém, desta vez serviu-a em jarros muito altos e estreitos, totalmente apropriados para enfiar o seu bico.

- Anda, vem comer amiga Raposa, a sopa está simplesmente deliciosa. – espicou a cegonha, fazendo o ar mais cândido deste mundo.

E foi a vez de a raposa não conseguir comer nada: os jarros eram demasiado altos e muito estreitos.

- Muito obrigado, amiga Cegonha, mas não tenho fome alguma. – respondeu a raposa com um ar muito pesaroso. E voltou para casa de mau humor, porque a cegonha lhe tinha retribuído a partida.

**MORAL – Nunca faças aos outros o que não gostas que te façam a ti.**

*(Extraído de: <http://sotaodaines.chrome.pt/Sotao/fabulas/histor95.html> - Fábulas de La Fontaine. Acesso em 29/01/2016)*

### Gênero Lírico

No gênero lírico ocorre a subjetividade dos textos. O eu-lírico é quem se manifesta e expõe seus sentimentos, suas emoções, seus desejos e sua percepção acerca do mundo. Em um poema, o “eu” que se expõe não é o poeta; esse “eu” é uma criação do poeta para apresentar reflexões e sentimentos de um sujeito em primeira pessoa. Como forma de representação desse tipo de texto, temos como exemplos mais comuns o soneto, a elegia, a écloga, o idílio, a ode e o hino.

### EXEMPLO DE TEXTO LÍRICO:

#### Soneto de Fidelidade

De tudo ao meu amor serei atento  
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto  
Que mesmo em face do maior encanto  
Desse se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento  
E em seu louvor hei de espalhar meu canto  
E rir meu riso e derramar meu pranto  
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure  
Quem sabe a morte, angústia de quem vive

Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):  
Que não seja imortal, posto que é chama  
Mas que seja infinito enquanto dure.

*Vinícius de Moraes, "Antologia Poética", Editora do Autor, Rio de Janeiro, 1960, pág. 96.  
(Extraído de: [http://www.releituras.com/viniciusm\\_fidelidade.asp](http://www.releituras.com/viniciusm_fidelidade.asp). Acesso em: 29/01/2016)*

### Gênero Dramático

São textos escritos para serem encenados em uma peça teatral. Atualmente, é difícil diferenciar um texto dramático dos outros gêneros, devido à tendência que se observa de se transformar qualquer tipo de texto em roteiro.

### EXEMPLO DE TEXTO DRAMÁTICO:

[...]

O SERVO: Diziam que era filho dele próprio. Mas aquela que está no interior de tua casa, tua esposa, é quem melhor poderá dizer a verdade.

ÉDIPO: Foi ela que te entregou a criança?

O SERVO: Sim, rei.

ÉDIPO: E para quê?

O SERVO: Para que eu a deixasse morrer.

ÉDIPO: Uma mãe fez isso! Que desgraçada!

O SERVO: Assim fez, temendo a realização de oráculos terríveis...

ÉDIPO: Que oráculos?

O SERVO: Aquele menino deveria matar seu pai, assim diziam...

ÉDIPO: E por que motivo resolveste entregá-lo a este velho?

O SERVO: De pena dele, senhor! Pensei que este homem o levasse para sua terra, para um país distante... Mas ele o salvou da morte para maior desgraça! Porque, se és tu quem ele diz, sabe que tu és o mais infeliz dos homens!

ÉDIPO: Oh! Ai de mim! Tudo está claro! Ó luz, que eu te veja pela derradeira vez! Todos sabem: tudo me era interdito: ser filho de quem sou, casar-me com quem me casei e eu matei aquele a quem eu não poderia matar!

Desatinado, Édipo corre para o interior do palácio, retiram-se os dois pastores; a cena fica vazia por algum tempo.

O CORO: Ó gerações de mortais, como vossa existência nada vale a meus olhos! Qual criatura humana que já conheceu felicidade que não seja a de parecer feliz, e que não

tenha recaído após, no infortúnio, finda aquela doce ilusão? Em face de seu destino tão cruel, ó desditoso Édipo, posso afirmar que não há felicidade para os mortais!

Tuas ambições, ergueste-as bem alto, e chegaste a possuir a mais promissora riqueza. Ó Júpiter! Só ele pôde ver a horrenda Esfinge, de garras aduncas e de cantos enigmáticos; e assim apresentou-se diante de nós como uma torre de defesa contra a morte. Desde então, ó Édipo, nós fizemos de ti nosso rei, e, consagrado pelas mais altas honrarias, foste o senhor supremo da poderosa Tebas.

E agora, quem pode haver no mundo, que seja mais miserável? Quem terá sofrido, no decurso da vida, mais rude abalo, precipitando-se no abismo da mais tremenda ignomínia? Ilustre e querido Édipo, tu que no leito nupcial de teu pai foste recebido como filho, e como esposo dize: como por tanto tempo esse abrigo paterno pôde suportar em silêncio?

Só o tempo, que tudo vê, logrou, enfim, ao cabo de tantos anos, condenar esse himeneu abominável, que fez de ti pai, com aquela de que era filho! Filho de Laio, prouvera aos deuses que nunca te houvéramos visto! Condoído, eu choro tua desgraça, com lamentações da mais sincera dor! No entanto, para dizer-te a verdade, foi graças a ti que um dia pudemos respirar tranquilos e dormir em paz!

[...]

*(Édipo Rei – Sófocles. Extraído de:*

*[http://www3.universia.com.br/conteudo/literatura/Edipo\\_rei\\_de\\_sofocles.pdf](http://www3.universia.com.br/conteudo/literatura/Edipo_rei_de_sofocles.pdf). Acesso em 29/01/2016)*

### GÊNERO HÍBRIDO

O gênero híbrido, também chamado de hibridização, mescla gêneros ou apresenta intertextualidade intergêneros e consiste na possibilidade dos gêneros se apresentarem de forma híbrida, isto é, assumindo a forma de outro gênero. Como exemplo, podemos citar a crônica, que oscila entre a literatura e o jornalismo, resultado da visão pessoal, particular, subjetiva do cronista ante um fato qualquer, colhido no noticiário do jornal ou no cotidiano.

### EXEMPLO DE TEXTO HÍBRIDO:

#### Brincadeira

Começou como uma brincadeira. Telefonou para um conhecido e disse:

- Eu sei de tudo.

Depois de um silêncio, o outro disse:

- Como é que você soube?

- Não interessa. Sei de tudo.

- Me faz um favor. Não espalha.

- Vou pensar.
- Por amor de Deus.
- Está bem. Mas olhe lá, hein?

Descobriu que tinha poder sobre as pessoas.

- Sei de tudo.
- Co- como?
- Sei de tudo.
- Tudo o quê?
- Você sabe.
- Mas é impossível. Como é que você descobriu?

A reação das pessoas variava. Algumas perguntavam em seguida:

- Alguém mais sabe?

Outras se tornavam agressivas:

- Está bem, você sabe. E daí?
- Daí nada. Só queria que você soubesse que eu sei.
- Se você contar para alguém, eu...
- Depende de você.
- De mim, como?
- Se você andar na linha, eu não conto.
- Certo.

Uma vez, parecia ter encontrado um inocente.

- Eu sei de tudo.
- Tudo o quê?
- Não sei. O que é que você sabe?
- Não se faz de inocente.
- Mas eu realmente não sei.
- Vem com essa.
- Você não sabe de nada.
- Ah, quer dizer que existe alguma coisa pra saber, mas eu é que não sei o que é?
- Não existe nada.
- Olha que eu vou espalhar...
- Pode espalhar que é mentira.
- Como é que você sabe o que eu vou espalhar?
- Qualquer coisa que você espalhar será mentira.
- Está bem. Vou espalhar.

Mas dali a pouco veio um telefonema.

- Escute. Estive pensando melhor. Não espalha nada sobre nada daquilo.
  - Aquilo o quê?
-

- Você sabe.

Passou a ser temido e respeitado. Volta e meia alguém se aproximava dele e sussurrava:

- Você contou para alguém?

- Ainda não.

- Puxa. Obrigado.

Com o tempo, ganhou uma reputação. Era de confiança. Um dia, foi procurado por um amigo com uma oferta de emprego. O salário era enorme.

- Por que eu? – quis saber.

- A posição é de muita responsabilidade – disse o amigo. – Recomendei você.

- Por quê?

- Pela sua descrição.

Subiu na vida. Dele se dizia que sabia tudo sobre todos, mas nunca abria a boca para falar de ninguém. Além de bem-informado, um gentleman. Até que recebeu um telefonema. Uma voz misteriosa disse:

- Sei de tudo.

- Co- como?

- Sei de tudo.

- Tudo o quê?

- Você sabe.

Resolveu desaparecer. Mudou-se de cidade. Os amigos estranharam o seu desaparecimento repentino. Investigaram. O que ele estaria tramando? Finalmente foi descoberto numa praia remota. Os vizinhos contam que a voz que uma noite vieram muitos carros e cercaram a casa. Várias pessoas entraram na casa. Ouviram-se gritos. Os vizinhos contam que mais se ouvia era a voz dele, gritando:

- Era brincadeira! Era brincadeira!

Foi descoberto de manhã, assassinado. O crime nunca foi desvendado. Mas as pessoas que o conheciam não têm dúvidas sobre o motivo.

Sabia demais.

*(Luís Fernando Veríssimo – Extraído de: <http://www.refletirpararefletir.com.br/4-cronicas-de-luis-fernando-verissimo>. Acesso em 29/01/2016)*

## ESTILOS DE ÉPOCA

Também chamado de Escolas Literárias ou Movimentos Literários, os Estilos de Época representam o conjunto de procedimentos estéticos que caracterizam a produção literária de determinado período histórico, concentrados a partir de características semelhantes entre obras de produtores literários, os escritores.

**EXEMPLOS DE ESTILO DE ÉPOCA:****Poema Romântico****Por que mentias?**

Por que mentias leviana e bela?  
Se minha face pálida sentias  
Queimada pela febre, e se minha vida  
Tu vias desmaiar, por que mentias?

Acordei da ilusão, a sós morrendo  
Sinto na mocidade as agonias  
Por tua causa desespero e morro...  
Leviana sem dó, por que mentias?

Sabe Deus se te amei! Sabem as noites  
Essa dor que alentei, que tu nutrias!  
Sabe esse pobre coração que treme  
Que a esperança perdeu porque mentias!

Vê minha palidez – a febre lenta  
Esse fogo das pálpebras sombrias...  
Pousa a mão no meu peito! Eu morro! Eu morro!  
Leviana sem dó, por que mentias?

*(Álvares de Azevedo – Extraído de: [http://pensador.uol.com.br/poemas\\_de\\_alvares\\_de\\_azevedo/](http://pensador.uol.com.br/poemas_de_alvares_de_azevedo/). Acesso em: 29/01/2016)*

**Poema Antirromântico****O Poeta Moribundo**

Poetas! Amanhã ao meu cadáver  
Minha tripa cortai mais sonora!  
Façam dela uma corda, e cantem nela  
Os amores da vida esperançosa!

Cantem esse verso que me alentava...  
O aroma dos currais, o bezerrinho,  
As aves que na sombra suspiravam,  
E os sapos que cantavam no caminho!

Coração, por que tremes? Se esta lira



Nas minhas mãos sem força desafina,  
Enquanto ao cemitério não te levam  
Casa no marimbau a alma divina!

Eu morro qual nas mãos da cozinheira  
O marreco piando na agonia...  
Como o cisne de outrora... que gemendo  
Entre os hinos de amor se enternecia.

Coração, por que tremes? Vejo a morte  
Ali vem lazarenta e desdentada...  
Que noiva!... E devo então dormir com ela?...  
Se ela ao menos dormisse mascarada!

Que ruínas! Que amor petrificado!  
Tão antediluviano e gigantesco!  
Ora, façam ideia que ternuras  
Terá essa lagarta posta ao fresco!

Antes mil vezes que dormir com ela,  
Que dessa fúria o gozo, amor eterno...  
Se ali não há também amor de velha,  
Deem-me as caldeiras do terceiro Inferno!

No inferno estão suavíssimas belezas,  
Cleópatras, Helenas, Eleonoras;  
Lá se namora em boa companhia,  
Não pode haver inferno com Senhoras!

Se é verdade que os homens gozadores,  
Amigos de no vinho ter consolos,  
Foram com Satanás fazer colônia,  
Antes lá que no Céu sofrer os tolos! –

Ora! E forcem um'alma qual a minha  
Que no altar sacrifica ao Deus-Preguiça  
A cantar ladainha eternamente  
E por mil anos ajudar a Missa!

---

(Álvares de Azevedo – Extraído de: <http://www.casadobruno.com.br/poesia/a/alvares19.htm>. Acesso em: 29/01/2016)

### 1. Autorretrato falado

Venho de um Cuiabá garimpo e de ruelas entortadas.  
Meu pai teve uma venda de bananas no Beco da Marinha, onde nasci.  
Me criei no Pantanal de Corumbá, entre bichos do chão, pessoas humildes, aves, árvores e rios.  
Aprecio viver em lugares decadentes por gosto de estar entre pedras e lagartos.  
Fazer o desprezível ser prezado é coisa que me apraz.  
Já publiquei 10 livros de poesia; ao publicá-los me sinto como que desonrado e fujo para o Pantanal onde sou abençoado a garças.  
Me procurei a vida inteira e não me achei – pelo que fui salvo.  
Descobri que todos os caminhos levam à ignorância.  
Não fui para a sarjeta porque herdei uma fazenda de gado. Os bois me recriam.  
Agora eu sou tão ocaso!  
Estou na categoria de sofrer do moral, porque só faço coisas inúteis.  
No meu morrer tem uma dor de árvore.

MANOEL DE BARROS  
*Poesia completa. São Paulo: Leya, 2010.*

Uma obra literária pode combinar diferentes gêneros, embora, de modo geral, um deles se mostre dominante. O poema de Manoel de Barros, predominantemente lírico, apresenta características de um outro gênero. Identifique esse gênero e cite duas de suas características presentes no poema.

## Gabarito

1. O poema apresenta características do gênero narrativo. Essa mistura dos gêneros – em que o verso se aproxima da prosa – é uma herança da poesia modernista. Uma das características do gênero narrativo que se mostra no poema de Manoel de Barros é a apresentação dos fatos numa sequência temporal, tal como se dá quando contamos uma história. Este traço pode ser observado na seguinte passagem do poema:

“Meu pai teve uma venda de bananas no Beco da Marinha, onde nasci.  
Me criei no Pantanal de Corumbá entre bichos do chão, pessoas humildes, aves, árvores e rios.”

Outra característica diz respeito à organização formal do gênero narrativo, que, normalmente, não apresenta ritmo marcado nem rimas, aproximando-se do fluxo da fala. Os versos mais longos do fragmento anterior exemplificam esta característica, assim como o exemplo abaixo:

“Já publiquei 10 livros de poesia; ao publicá-los me sinto como que desonrado e fujo para o Pantanal onde sou abençoado a garças.”